

**UM LEITOR DE ALMAS NAS TEIAS DA HISTÓRIA
CULTURAL, DA LITERATURA E DO JORNALISMO:
UMA ANÁLISE DO DISCURSO NO ROMANCE
JORNALÍSTICO DE FERNANDO MOLICA**

Lilian Castelo Branco de Lima (UEMASUL)

li_castelo@hotmail.com

Dione do Socorro de Souza Leão (UEMASUL) [dio-](mailto:dione.breves@hotmail.com)

ne.breves@hotmail.com

Wemylla de Jesus Almeida (UEMASUL)

mylla_imp@hotmail.com

RESUMO

Neste texto, temos o intuito de passar teoricamente por um mundo de hiatos e controvérsias, as veredas da História, da Literatura e do Jornalismo, juntos, dando suporte ao estudo da obra “O homem que morreu três vezes: uma reportagem sobre o ‘Chagal brasileiro’”, do jornalista e romancista Fernando Molica. A qual entendemos como uma obra de singular sensibilidade pela escrita das histórias de uma alma que incita o leitor a enveredar-se pela história tão bem retratada no discurso literário de Molica. Para esse debate histórico-jornalístico-literário lançamos mão das idéias de pensadores da História como Hayden White, Roger Chartier e principalmente, Sandra Pesavento, historiadora brasileira pesquisadora da sensibilidade e da subjetividade que fazem parte do fazer histórico em diálogo com a Literatura, como reflete Queiroz (2008). Assim, a partir da análise do discurso (BAKHTIN, 2006; MAINGUENEAU, 2004; ORLANDI, 2007) o que se observou é que há uma intenção clara do autor no entrelaçamento dos discursos histórico, jornalístico e literário, para a feita de um romance historiográfico. Para afirmarmos isso levamos em conta o próprio “Perera” e suas inacreditáveis peripécias que mais parecem pertencerem ao enredo hollywoodiano de filme de suspense e a linguagem utilizada por Molica que se vale de estratégias tropológicas tornando seu discurso metafórico e instigante.

Palavras-chave:

História. Literatura. Análise do Discurso.

ABSTRACT

In this text we intend to theoretically go through a world of gaps and controversies, the paths of History, Literature and Journalism, together, supporting the study of “O homem que morreu três vezes: uma reportagem sobre o ‘Chagal brasileiro’”, by the journalist and novelist Fernando Molica. Which we understand as a work of singular sensitivity for the writing of the stories of a soul that urges the reader to embark on the story so well portrayed in Molica’s literary discourse. For this historical-journalistic-literary debate, we use the ideas of History researchers as Hayden White, Roger Chartier and especially Sandra Pesavento: a Brazilian historian researcher of sensitivity and subjectivity that is part of making history in dialogue with literature, as reflected by Queiroz (2008). Thus, from the discourse analysis (BAKHTIN, 2006;

MAINGUENEAU, 2004; ORLANDI, 2007) what was observed is that there is a clear intention of the author in the interweaving of historical, journalistic and literary discourses, for the making of this historiographical novel. To affirm this, we take into account “Perera” himself and his unbelievable adventures that most seem to belong to the Hollywood thriller movie plot and the language used by Molica that uses tropological strategies making his speech metaphorical and provoking.

Keywords:

History. Literature. Speech analysis.

1. *Iniciando a viagem (ou introdução)*

Neste passeio teórico-reflexivo pretendemos percorrer caminhos que paradoxalmente ora se cruzam, ora divergem. História e literatura nasceram juntas, ganharam notoriedade separadas, se distanciaram pelos paradigmas e com a contestação destes voltaram a se encontrar. Encontros polêmicos, em que conservadorismo e transgressão estiveram (estão) lado a lado. Como aponta Hayden White (2001) a história neste novo contexto social, em que a sensibilidade do indivíduo carece de um olhar mais interpretativo, deve compreender que a arte e a ciência são meios, apesar de distintos, complementares para a interpretação das sociedades dos “tempos líquidos” (BAUMAN, 2007). Tempos em que os modelos não dão conta de abarcar a complexa diversidade das ações humanas e seus sentimentos, como analisa Pesavento (2008b, p. 12).

Na tentativa de dar conta desse novo tempo, surgiu a chamada “História Nova” ou “História Cultural”, corrente historiográfica que teve suas discussões iniciadas por Paul Veyne (1971), Hayden White (1973) e Michel de Certeau (1975) que em suas obras contestavam a veracidade defendida pela história e ressaltavam os elementos da narrativa utilizados pelo discurso histórico, aproximando-a da literatura. A Escola de Annales contribuiu relevantemente para a discussão em torno dessa renovação da história nas últimas décadas do século XX, com as proposições de seus seguidores relativas a uma concepção diferente dos marcos temporais para analisar o passado.

Assim, nesse cenário conturbado de quebra de paradigmas, a busca por novas estratégias teórico-metodológicas, admitiu a contribuição de ciências como a antropologia, sociologia, economia para os estudos historiográficos, como também a literatura e as artes também vieram auxiliar nesta leitura de vozes do passado feita pela história. Com isso as fronteiras se alargaram e como resultado uma perene tensão se fez entre os historiadores, sendo que principalmente, a relação entre a história e a lite-

ratura tem rendido muitas divergências.

A polêmica sempre esteve em torno da História Cultural, por essa nova historiografia se preocupar com a subjetividade, o imaginário, a representação social, elementos que não eram considerados como dados historiográficos pelos estudos tradicionais. De um lado, os teóricos que defendem a ligação histórico-literária, entre eles Hayden White que defende que história e literatura são intrínsecas, de outro a preocupação de estudiosos positivistas em assumir essa ligação e levar a história a perder o *status* de ciência.

Nesse embate, Chartier (2008, p. 165) ao citar Carlo Ginzburg argumenta que apesar da história se amparar em elementos literários isso não nega seu valor científico: “Reconhecer as dimensões retórica ou narrativa da escrita da história não implica de maneira alguma negar-lhe o estatuto de um conhecimento verdadeiro, construído a partir de provas e controles”. Aliás, as fontes continuam sendo primordial para a escrita da história, contudo para esse novo olhar sobre o passado, elas se ampliaram: aos documentos oficiais se associaram imagens, objetos, sentimentos, práticas e o que mais o historiador, sensivelmente, encontre para auxiliá-lo nessa interpretação e reescrita de um tempo ausente, do tempo da memória.

A grande pesquisadora da história cultural no Brasil, Sandra Pesavento (2008b), corrobora com Chartier, e aponta que não apenas as fontes são elementos importantes, como também a metodologia utilizada para a interpretação destes dados, dessa forma sugere a combinação entre as estratégias propostas por Walter Benjamim e Carlo Ginzburg, ou seja, o método da montagem de Benjamim, cujas as marcas do passado são organizadas como em um quebra-cabeça, aliado ao método detetivesco de Ginzburg, que faz o historiador sair do texto, na busca de novos indícios, outros detalhes, que posteriormente ao voltar ao texto, o enriquecerá.

A escrita do texto pelo historiador cultural é outro ponto nevrálgico na determinação fronteiriça, pois na preocupação com a recepção de seu texto, coaduna a seriedade, característica da história, à leveza de uma linguagem, que estrategicamente, usa figuras da retórica, próprias do texto literário. Porém, como observa Pesavento (2008a, p. 179): “Fronteiras limitam, encerram e fecham, negam o diálogo e o contato, tal como podem abrir, comunicando e aproximando as partes, criando laços, correspondências, percursos de vida em paralelo, convergências, oposições e

competição”. Tendo em mãos recursos como a metáfora, a metonímia, a ironia, esse leitor cultural do tempo escreve, literariamente, sua narrativa histórica, convergem as técnicas em um percurso que abre o diálogo.

Dessa forma se a história é a “leitura dos tempos” como afirma Chartier (2008), é válido refletirmos que o indivíduo é que faz o seu tempo. Um tempo que para ser retratado desloca as fronteiras entre a história, as artes e outras ciências, tornando a busca do conhecimento um trabalho que exige que ao analisar os homens em seus tempos, o pesquisador esteja munido de método, teorias e acima de tudo sensibilidade, o que não é uma tarefa fácil.

Enfim, se estudar sensibilidades é um desafio, é um ir além, é ter, possivelmente, mais dúvidas do que certezas, com relação ao passado, talvez aí resida o charme que se encontra presente em toda aventura do conhecimento... Por que não aceitar o desafio? (PESAVENTO, 2007, p. 21)

Acreditando que Fernando Molica aceitou o desafio, objetivamos fazer uma leitura analítico-reflexiva da obra *O homem que morreu três vezes: uma reportagem sobre o “Chacal brasileiro”*, no intuito de relacionar literatura e história em um entrelaçamento jornalístico, justificado pelo fato de que expor a história de um homem que segundo o autor é uma trama que beira à inverossimilhança, uma vida em que a ficção vai buscar inspiração. Delineamos assim um percurso com base na análise dos muitos discursos (BAKHTIN, 2006; MAINGUENEAU, 2004; ORLANDI, 2007) que se cruzam no mosaico enredado por Fernando Molica, na intenção de evidenciar a forma com que a obra lança mão dos instrumentos da história cultural e a sensibilidade para a construção da narrativa.

2. *Um homem, três mortes e muitas histórias*

Fernando Molica, jornalista da Rede Globo de Televisão (a qual ele exime de qualquer responsabilidade na obra “O homem que morreu três vezes: uma reportagem sobre o ‘Chacal brasileiro’” quer seja na apuração da história ou nas opiniões sobre os fatos), é também romancista, seu primeiro livro “Notícias do Mirandão”, lançado pela Record em 2002, foi publicado na Alemanha pela editora Nautillus. Escreveu também “Bandeira negra, amor”, romance publicado em 2005 pela editora Objetiva, obra que juntamente com o livro-reportagem que iremos analisar, concorreu ao prêmio Jabuti. O talento literário-jornalístico de Molica

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

é evidente e foi reconhecido pela menção honrosa do prêmio Vladimir Herzog pela sua obra sobre o “Chacal brasileiro”.

Suas obras são histórias impregnadas “pelos digitais de Sherlock Holmes”. E foi desse talento de correr atrás de pistas que nasceu “O homem que morreu três vezes: uma reportagem sobre o ‘Chacal brasileiro’”, após uma reportagem para a televisão, o jornalista se interessou por esse enigmático personagem da história brasileira, um anticomunista que em uma época de ditadura ficou conhecido internacionalmente pela sua ligação com o terrorismo mundial.

Fernando Molica, com um olhar sensível, leu documentos, ouviu relatos, viu fotos, analisou cartas, viajou pela história e para ela trouxe relatos dos acontecimentos da vida de um homem que morreu três vezes.

A obra é dividida no que o autor denomina como “Três movimentos”. O primeiro é relacionado à vida de Antonio Exedito Perera, gaúcho de Itaqui, advogado anticomunista, um católico ortodoxo conservador, funcionário público do Tribunal de Contas, que ao ser cassado, por ter sido vítima de um golpe planejado por ele mesmo contra seus sócios no escritório de advocacia, com o fracasso tem sua vida revirada e passa a integrar o que antes combatia. Morre em Porto Alegre em 1964.

O segundo movimento inicia com sua chegada a São Paulo, ainda em 1964, quando dá vida a Antonio Carvalho Perera, a diferença no nome foi sutil em contrapartida, suas ideologias e ações são determinadas por uma revolução subversiva, o antes delator, era agora um corajoso aliado da Vanguarda Popular Revolucionária e por ela suportou torturas desumanas. É ainda nessa vida que conheceu Illich Ramírez Sánchez e desse encontro nasce a alcunha de o “Chacal brasileiro”. Após um longo período de perseguição internacional, morre Antonio Carvalho Perera e nasce Paulo Parra, identidade que é mencionada no terceiro movimento. E nessa movimentação final de sua obra, Molica contou com a ajuda de alguém que conhecia o Perera há um bom tempo e em detalhes, sua filha Teresa Cristina, peça primordial para desvendar a última morte de uma vida enigmática. Paulo Parra morreu em Milão, onde vivera como psicólogo, desde 1975 até 1996. Em mais uma vida inventada, o Perera era especialista em disciplinas também fictícias: magnetologia e psicocibernética. Entretanto, essa figura pouco conhecida (apesar de haver algumas informações sobre ele na imprensa), extremamente ímpar da história brasileira tem uma “morte” que não condiz com sua história, um homem que se transformou em uma lenda, não teve um fim trágico, digno dos gran-

des mitos, morre em uma cama de hospital, vítima de um câncer.

Em uma vida de mortes, O “Chacal brasileiro”, não poderia ter recebido melhor cognominação, de acordo com Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 231) o chacal é um animal que “(...) uiva até morrer, ronda pelos cemitérios e se alimenta de cadáveres (...) simboliza a morte e as vagueações do defunto até chegar ao vale da imortalidade”. Perera teve sua história atrelada a da ditadura no Brasil e do terrorismo internacional, em um cenário de perseguições e “vive morto” inúmeras artimanhas ilegais. Suas duas primeiras vidas foram marcadas passionalmente por uma personalidade megalômana e que ansiava por reconhecimento, “uivava” por ele. Nesta história muitos foram os personagens envolvidos (das artes, da política, da economia) que fizeram parte de uma trama tecida pelas mãos de Clio.

3. Fernando Molica nos braços de Clio

Onde encontramos história? Que fatos podem ser considerados históricos? Poderia o discurso histórico ter como veículo a literatura ou o jornalismo? A vida que vale ser contada é a revelada publicamente ou do “*making of*”³⁴⁹?

Respostas que buscaremos na análise de “O homem que morreu três vezes: uma reportagem sobre o ‘Chacal brasileiro’”. Para tal seguiremos o viés da história cultural e nos aportaremos, principalmente, nas idéias de Sandra Pesavento, por considerarmos que Molica se valeu de uma sensibilidade histórica para amarrar os nós dessa intrigante narrativa. Segundo Pesavento (2007):

[...] as sensibilidades não só aparecem no cerne do processo de representação do mundo, como correspondem, para o historiador da cultura, àquele objeto a ser capturado do passado, ou seja, a própria energia da vida, a enargheia, de que nos fala Carlo Ginzburg. Capturar a enargheia, a força da vida, seria a meta última e refinada daquele interessado em reconfigurar o tempo passado. (PESAVENTO, 2007, p. 13)

Um passado que precisou ser “caçado”, pois o personagem principal dessa história se comportou feito um animal astuto e arisco preocupado em apagar seus rastros, como comenta o autor:

[...] Perera se mostra maior do que qualquer estereótipo.

³⁴⁹ Utilizando uma linguagem jornalística.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Em determinado momento da apuração, comparei Perera a um animal que tem o capricho de ocultar cada pegada de uma trajetória marcada por trocas bruscas de direção, reviravoltas, idas e vindas. Buscar estes passos e tentar ao menos especular seu sentido representam uma aventura, uma emoção creio que comparável àquelas que muitos sentem em participar de eventos de vôo livre [...] (MOLICA, 2003, p. 14)

Esta busca a que se propõe Molica, considerado o “*crème de la crème* da história” por Pesavento (2008b), ou seja, capturar razões e sentimentos do mundo e dos homens em cada momento histórico, é uma tarefa demasiadamente complexa, pois a fala sobre a “temporalidade escodada” (PESAVENTO, 2008b) requer um novo olhar sobre o mundo amparado não apenas em documentos, mas sobretudo na memória.

Pensar em memória e em história induz a referir-se ao sujeito que evoca e ao sujeito que escreve, este agente do ato de presentificar uma ausência. Entram em cena os indivíduos, as subjetividades, as trajetórias pessoais, as histórias de vida. Este é, para todos os efeitos, um viés muito importante, resgatado pelos estudos da cultura. A memória tem seu *locus* original de realização no indivíduo que rememora, mas todo trabalho de evocação se dá em acerto com uma memória social. Nessa medida, as reminiscências do *eu* são trabalhadas com o auxílio das dos *outros*, tal como a escrita da história, como escrita no tempo, dá-se em palimpsesto com outras escritas precedentes. (PESAVENTO, 2007, p.179)

Consciente da importância da forma complementar em que a memória individual e a social (HALBWACHS, 2008) auxiliam o escritor das histórias de vida, Molica não menosprezou nem uma dessas contribuições.

Utilizou dados dispostos em:

Jornais: “*Em abril de 1996, o Jornal do Brasil publicaria que Perera ‘teria se ligado’ a ‘Carlos’. A reportagem mencionava histórias que Perera protagoniza em Porto Alegre (...)*” (MOLICA, 2003, p. 33);

Arquivos públicos: “*(...) fui ao Arquivo Público do Rio de Janeiro conferir as eventuais referências a Expedito nos documentos ali recolhidos*” (*Ibidem*, p. 27);

Assim como, revistas: “*A edição 1.299 da IstoÉ, de 24 de agosto de 1994, informava na reportagem ‘O Chacal brasileiro’, que o repórter Marco Brando localizara ‘Paolo Parra’ – ‘Paolo’, com ‘o’ em Milão (...)*” (*Ibidem*, p. 32);

E fontes iconográficas: “O depoimento é respaldado com fotos da juventude. Nelas, Perera aparece ora elegante, de *blazer* escuro e cigarro

na mão esquerda (...) ora no campo, pilchado – vestido com roupas tradicionais gaúchas” (*Ibidem*, p. 36, grifos do autor).

Molica interligou a esses dados inúmeros depoimentos, muitas narrativas da memória de pessoas que tinham como ponto em comum: o “Perera”.

Halbwachs (2008, p. 72).o refletir sobre a memória observa que: “Para evocar seu próprio passado, em geral, a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade”. Entrelaçando-se a memória individual com aquilo que o sujeito toma por empréstimo de seu ambiente.

Na tentativa de refazer o caminho de nosso “Chacal”, no intuito de entender como um católico ortodoxo praticante de formação religiosa rígida transformara-se em terrorista, Molica recorreu à memória de amigos da época. Entre eles, Luis Osvaldo Leite, atualmente professor do Instituto de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o qual rememorou: “– Ele era extremamente católico, eu conheci o Perera sabendo que ele iria ser padre jesuíta – diz o amigo. (...) ele seria um dos velhos amigos que ajudariam a reconstituir a história de Perera” (MOLICA, 2003, p. 36).

Ao lado de Luis Leite nesse mesmo dia em que foi entrevistado pelo escritor, estava Izar Aparecida de Moraes Xausa, viúva de Leônidas Xausa, companheiro de Perera em suas lutas políticas. Ela atentou para um outro aspecto de sua vida íntima: A vaidade. “Um dia, ele apareceu com uma gravata verde. Eu disse: ‘Que linda!’ Ele respondeu: ‘É para combinar com os meus olhos’ – relembra a psicóloga, que não esconde um discreto sorriso ao falar do comentário daquele jovem” (*Ibidem*, p. 36).

Através destes pontos de referência evidenciados pelos amigos, Molica estava ali, diante de um homem que poeticamente ele define como “(...) uma alma angustiada, perplexa diante das contradições entre o mundo dos homens e o de Deus” (*Ibidem*, p. 37). Pela memória de seus amigos as ausências na história vão sendo aos poucos preenchidas.

Entretanto, é particularmente o que revive Nazareth e Teresa Cristina (respectivamente, primeira esposa e filha) que realmente fazem a apuração andar e as peças do quebra-cabeça começarem a encaixar para o escritor. Ao ir ao encontro dos inúmeros entrevistados para a composição do livro, o autor incide em uma das questões centrais da história cultural:

a expansão da memória social, a qual se apresenta como uma possibilidade de inúmeras leituras do passado. Conforme reforça Phillipe Joutard (2002), a reconciliação entre memória e história auxilia na reescrita do tempo.

Neste entrecruzar de fontes, na intenção de reapresentar a história, ação que para Pesavento (2008b, p. 13) se configura como ação humana de re-apresentar o mundo pelas diversas linguagens, o autor mune-se ainda da literatura. Em ocasião de sua entrevista com Nazareth, ela ao ser procurada por Molica o indicou “Pesadelos vividos...”, romance que escrevera e fora lançado pela editora Thesaurus em 1990.

Ao longo das páginas, Nazareth relata a história de “Déa”, uma mulher que se vê envolvida no processo guerrilheiro dos anos 60 e 70. Mais: descobre que alguns dos mais procurados homens do país – Carlos Lamarca, o sargento Darcy Rodrigues e o ex-sargento Onofre Pinto – estiveram escondidos em seu apartamento em São Paulo, levados por seu marido, “Tônio”. (MOLICA, 2003, p. 44-5) (grifo do autor)

Para o escritor este romance fez importantes revelações que coadunaram com as entrevistas de Nazareth. Dessa forma, literatura e história se cruzam para responder as indagações sobre o passado, caminho perfeitamente aceitável pelo historiador cultural.

De acordo com Lenhardt (2004):

[...] a ficção adquire um estatuto muito particular, na formação daquilo que anima os movimentos de fundo da história. Ela não é *profética* no sentido dos videntes, que dão o futuro por já assegurado, mas ela é *visionária*, na medida em que autoriza a organizar o mundo de ações e dos fins de outra forma além daquela que existe.

Estas ações fictivas, que surgem da história, na medida em que elas constituem o horizonte de compreensão e de esperança dos atores da história, alimentam o imaginário da sociedade e das civilizações (grifo do autor). (LENHARDT, 2004, p. 153)

O que é perceptível na obra objeto desta análise, como pode ser comprovado nos trechos a seguir:

Nesta primeira entrevista, em Nova York, Nazareth detalhou como seu apartamento se transforma em esconderijo para as principais lideranças da VPR [...]

– O nome do Lamarca, para mim, era César.

O relato da convivência daquela família com as principais lideranças de uma organização armada tem momentos de fazer inveja aos mais ousados delírios surrealistas. Em seu livro, Nazareth relata diálogos com Lamarca sobre justiça social e mortandade infantil. “César” mostrava-se particularmente sensível a este tipo de conversa. (MOLICA, 2003, p. 112)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Transcrevemos, ainda, outro trecho, para evidenciarmos a forma impactante com que a literatura retratou por meio da ficção as atrocidades vividas nesse período da história brasileira e mais especificamente pela família do Perera:

Num dado momento vi o Waldemar, digo, Onofre se aproximar, rastejando, nu, com as mãos algemadas para trás, pois não conseguia ficar de pé, de tanta tortura que sofrera, chegar perto de mim e dizer: “Ela é inocente, vocês estão fazendo a maior injustiça com essa senhora. Eu sou culpado, mas ela não”. (NAZARETH *apud* MOLICA, 2003, p. 116) (grifo da autora)

Os trechos citados, entre outros, foram utilizados na obra na intenção de reconstituir e compreender a trajetória de Perera, o escritor recorre ao romance mencionado, intercalando em sua reescrita o verossímil literário e histórico.

Encontramos em Queiroz (2008) a justificativa para o percurso metodológico historiográfico de Molica. Ela afirma que:

A consideração de um elenco tão variado de fontes é passível de ser feita desde que o relevo buscado por essa nova história literária, o viés que atravessa essa nova relação entre História e Literatura, esteja voltado para o problema da investigação. Assim, propor um problema distinto de investigação significa a necessidade de voltar-se para categorias diferentes de fontes e para a exploração renovada de velhas fontes. (QUEIROZ, 2008, p. 203)

Fica claro, já na apresentação de “O homem que morreu três vezes: uma reportagem sobre o ‘Chacal brasileiro’”, o problema de pesquisa de Fernando Molica e a forma com que pretendia delinear sua reescrita do passado, justificando as interconexões que estabelece em sua obra. Leiamos o excerto:

Este livro não pretende ser uma biografia completa de Antonio Expedito Carvalho Perera. Daí ser chamado de reportagem um trabalho sobre a trajetória deste advogado gaúcho que, em menos de uma década, migrou de uma posição conservadora para a militância ao lado do que havia de mais agressivo no terrorismo internacional. [...] O caminho percorrido por este advogado em suas diferentes vidas é tão ou mais interessante do que seus feitos. É este caminho, nebuloso, repleto de armadilhas e desvios, que busquei traçar. (MOLICA, 2003, p. 13)

Em meio a crimes políticos, tortura, comunismo, socialismo, ditadura e muitos outros fatos que se relacionam com a história política do Brasil nas décadas de 1960 e 70, o interesse, especificamente por Expedito Perera, possibilita afirmarmos que o escritor vê no sujeito o seu objeto de estudo. Procedimento que Pesavento (2007) aponta como um dos

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

principais avanços da história cultural, nos estudos que vê na utilização da micro-história, da biografia, um caminho promissor para se pensar a partir do sujeito-objeto a história das sensibilidades, cujo interesse é

[...] pelo indivíduo, por suas reações íntimas, por suas contradições abertas ou encobertas. Ela escava destinos, exuma afetos, mas sempre para re-inseri-los em conjuntos significativos mais vastos, grupos, clãs, facções, classes, conjuntos, que eles iluminam a seu modo, restituindo-lhes uma complexidade quase sempre escamoteada ou negada. (GRUZINSKI, 2007, p. 7-8)

O que é proposto acima por Gruzinski é perfeitamente perceptível na escrita sensível de Fernando Molica, muito mais que jornalísticos, os fatos chegam até os leitores pela análise de um ávido investigador, de um sensível “leitor e escritor de almas” (PESAVENTO, 2007). Molica foi atrás de fontes não apenas na materialidade de documentos oficiais, como também em um mundo que a ditadura soube bem ocultar, sentimentos, sonhos, identidades. Aos poucos, em um trabalho paciente e delicado, entrelaçando “verdades” e interpretando sensibilidades se chegou a uma reescrita instigantemente histórica.

Em sua investigação sobre a trajetória de Expedito, para a tradução da realidade, Molica foi perspicaz em notar que para a leitura desse tempo das ausências, estaria na presença do acontecido e do inventado. Como observamos no trecho abaixo:

Neste livro procurei evitar imprecisões, separar os fatos das lendas – não tenho dúvidas de que estas, pelo menos no caso de Perera, são menos relevantes do que aqueles. Na linha de uma das mais interessantes definições do jornalismo – ‘É a melhor versão da verdade possível de se obter’. (MOLICA, 2003, p. 14) (grifo do autor)

Molica seguiria assim os passos dos historiadores culturais. Profissionais que, de acordo com Jauss citando Kosseleck, inventam o passado, criam realidade a partir dos pensamentos evocados pelo que não pode ser verificado. E complementa:

Assim, através da história se consagra a diferença entre *res factae* – a “coisa acontecida” – *res fictae*, a “coisa construída” pela narrativa da história. A *res factae* é a matéria-prima da história, a partir da qual se constituirá a *res fictae*, versão verossímil do acontecido [...] (PESAVENTO, 2008a, p. 184)

É importante ainda ressaltar a forma com que o escritor interpretou os dados encontrados. Como podemos perceber a produção de Molica nesta obra, desenvolve-se consoante ao que é sugerido por Pesavento quanto à combinação do método de montagem com o detetivesco, citados

anteriormente neste trabalho.

Veremos evidência do exposto e da forma responsável e perceptiva da condução da pesquisa para a sua narrativa, nos trechos:

[...] procurei checar todas as informações, contrapor depoimentos, encontrar toda a documentação que estivesse disponível. O mistério em torno da atuação e do destino de Perera permitiu que sobre sua história fossem acumuladas diversas versões, deduções e, mesmo, palpites. Remover estas camadas foi talvez o trabalho mais difícil de toda a tarefa. Como registrou o desembargador Luiz Felipe Azevedo Gomes, do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, Perera ‘é uma pessoa cujo padrão de vida foge ao comum dos homens, uma dessas pessoas cuja vida imita a ficção, ou nas quais a ficção vai buscar os elementos para alimentar-se. (MOLICA, 2003, p. 14)

Como também,

Quatro anos depois, na apuração deste livro, eu voltaria ao Arquivo do Estado para uma nova pesquisa sobre Perera e pessoas ligadas a ele e aos movimentos revolucionários da época. Papéis que antes faziam pouco sentido ganhavam mais importância, solidificavam fatos que, na primeira consulta, apresentavam pouca conexão entre si. (MOLICA, 2003, p. 77) (grifo do autor)

Nesse sentido, em uma trama narrativa cuja a realidade está permeada de fatos inusitados que beiram a inverossimilhança, a interpretação do lido, ouvido, visto, recai em uma difícil atribuição de seleção e tradução. Pesavento (2007) alerta:

O poder interpretativo do olho deve ser estimulado, para dar a ver e a ler as marcas do passado, que encerram outros significados para a representação do mundo que não são mais os nossos [...] interpretar tais sinais, estabelecendo nexos e relações para tentar chegar ao tal mundo do passado onde homens, falavam, amavam e morriam por outras razões e sentimentos. (PESAVENTO, 2007, p. 20)

Na leitura de “O homem que morreu três vezes: uma reportagem sobre o ‘Chacal brasileiro’”, observamos que Fernando Molica em sua representação historiográfica da trajetória percorrida por Antonio Expedito Carvalho Perera, no período em que a vida deste brasileiro teve um capítulo em comum com a história da ditadura no país, buscou seguir as pegadas do passado em um momento histórico em que homens e mulheres viam seus companheiros morrerem, sofriam choques e muitas torturas atroz, famílias eram separadas e traumatizadas por ausências irreparáveis. Tudo em nome de um ideal: LIBERDADE e IGUALDADE SOCIAL, perfeitamente possível para uns e militarmente combatido por outros.

4. Considerações finais

Nesta análise das fontes requeridas e pelo caminho desenvolvido por Fernando Molica, podemos afirmar categoricamente que como jornalista Molica é um excelente historiador cultural. Incansável na pesquisa das fontes, em uma busca democrática, aliou as já consagradas provas históricas às pegadas do passado entre fotos, cartas pessoais, imagens em vídeo e outros marcos histórico-sentimentais do tempo. Perspicaz na seleção e sensível na interpretação de inúmeras informações. O escritor desenvolveu uma narrativa pautada nos sentimentos conturbados de personagens que fazem parte das páginas que foram escritas com sangue pela ditadura e pelo terrorismo, em uma caçada impressionante pelos rastros do “Chacal brasileiro”.

Hayden White em sua obra “Trópicos do discurso: Ensaio sobre a crítica da cultura” diz que “há muitas histórias que poderiam passar por romance” (2001, p. 137), a obra que analisamos é uma delas. Para afirmarmos isso levamos em conta o próprio “Perera” e suas inacreditáveis peripécias que mais parecem pertencerem ao enredo hollywoodiano de filme de suspense e a linguagem utilizada por Molica que se vale de estratégias tropológicas tornando seu discurso leve e instigante.

Jornalismo, literatura e história se juntaram pelas mãos desse literato-jornalista, totalmente absorto pela historiografia, na tecedura de uma obra, na qual percebemos que a história está na vida, em seus mais relevantes e/ou insignificantes fatos, os quais não devem ser desprezados, pois mesmo os mais ínfimos atos e sentimentos podem ser de imensurável importância para os grandes acontecimentos.

Os fatos homiziados do *making off* revelam que a historiografia, que não os desvele, estará em falta na sua leitura da vida dos tempos escoados. Fatos primorosamente concatenados na obra de Molica, ardiloso em seu ofício mostrou as várias nuances desse quadro histórico que se propôs retratar. Enfim, consideramos que a história das sensibilidades, área de estudo da História Cultural, tem em “O homem que morreu três vezes: uma reportagem sobre o ‘Chacal brasileiro’”, um excelente testemunho de compreensão da realidade propiciada por um entrelaçamento que amplia fronteiras em favor do fazer histórico. Não devendo nada aos bons roteiristas de romances policiais, Molica conduz o leitor com maestria pelos labirintos de sua narrativa inverossímil real.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. Trad. de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BAUMAN, Sigmunt. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

CHARTIER, Roger. A história: a leitura do tempo. In: SCHÜLER, Fernando, et al. (Org.). *Fronteiras do pensamento: retratos de um mundo complexo*. São Leopoldo: UNISINOS, 2008.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

GRUZINSKI, Serge. Por uma história das sensibilidades. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; FRÉDÉRIQUE, Langue (Org.). *Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centaurus, 2008.

JOUTARD, Philippe. *A importância da palavra oral na memória coletiva*. O Estado de São Paulo, 1 set. 2002.

LENHARDT, Jacques. As luzes da cidade. Notas sobre a metáfora urbana em Jorge Amado. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *Escrita, linguagem, objetos: Leituras de história cultural*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. Prática discursiva. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

MOLICA, Fernando. *O homem que morreu três vezes: uma reportagem sobre o "Chacal brasileiro"*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

ORLANDI, Eni P. *As formas do silêncio*. Campinas: Unicamp, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Fronteiras da História: uma leitura sensível do tempo. In: SCHÜLER, Fernando, et al (Org.). *Fronteiras do pensamento: retratos de um mundo complexo*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2008a.

_____. (b). História cultural: caminhos de um desafio contemporâneo.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

In: PESAVENTO, Sandra Jatahy, *et al.* (Org.). *Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural*. Porto Alegre: Asterisco, 2008b.

_____. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; FRÉDÉRIQUE, Langué (Org.). *Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

QUEIROZ, Teresinha. História e Literatura. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa, *et al.* (Org.). *Entre línguas: movimento e mistura de saberes*. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a Crítica da Cultura*. São Paulo: USP, 2001.

Site consultado:

www.fernandomolica.com.br